

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FOCADAS NA FORMAÇÃO DO PROTAGONISMO
DE ALUNOS DOS ANOS INICIAIS****DOI: 10.5281/zenodo.15344646**Damiana Carla da Cunha e Silva Olegário¹Patrícia Regina da Cunha²Luzimar Teixeira da Silva Filho³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar, por meio de uma revisão bibliográfica, as práticas pedagógicas que contribuem para a formação do protagonismo dos alunos nos anos iniciais do ensino fundamental. Parte-se do entendimento de que o protagonismo estudantil, compreendido como a capacidade do aluno de participar ativamente do seu processo de aprendizagem, é fundamental para o desenvolvimento da autonomia, da criticidade e da responsabilidade desde os primeiros anos escolares. A metodologia adotada baseia-se em pesquisa qualitativa de caráter exploratório, com levantamento e análise de produções acadêmicas que abordam práticas docentes voltadas à valorização da escuta, da participação ativa e da construção coletiva do conhecimento. Os resultados apontam que abordagens pedagógicas centradas no aluno, como metodologias ativas, projetos interdisciplinares e estratégias que promovem o diálogo e a cooperação, são eficazes na construção do protagonismo nos anos iniciais do ensino fundamental. Conclui-se que o fortalecimento dessa postura requer não apenas mudanças metodológicas, mas também uma reconfiguração da relação professor-aluno, pautada pelo respeito, incentivo à autonomia e valorização das experiências e saberes das crianças.

Palavras-chave: protagonismo estudantil; anos iniciais; práticas pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

O artigo em tela trata da forma como educação contemporânea tem buscado romper com modelos tradicionais centrados na figura do professor como único detentor do saber, para dar lugar a práticas pedagógicas mais dinâmicas, participativas e voltadas ao desenvolvimento integral do aluno. Nesse contexto, o conceito de protagonismo estudantil ganha relevância ao propor que os estudantes deixem de ser apenas receptores de conhecimento e passem a ser sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Essa perspectiva torna-se especialmente

¹Graduação em Licenciatura em Pedagogia. “IESM; Pós-graduação em Ensino Infantil e Fundamental IFMD, pós-graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica “FMD, cursando o Mestrado em Ciências na Educação “UNIPÓS”. Email: e-mail:damianaolegario@hotmail.com

² Graduação em Licenciatura em Pedagogia. “FAIBRA”; pós-graduação em Ensino Infantil e Fundamental I. “FMD; pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica “FMD; cursando o Mestrado em Ciências na Educação “UNIPÓS”. Email: e-mail:cunha.patriciaregina@gmail.com

³ Graduação em Licenciatura em Pedagogia. “FACEN/FACERN”; pós-graduação em autismo “Faculdade Iguaçu”; pós-graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica “FACULDADE IGUAÇU”; pós-graduação em Administração e inspeção escolar “Faculdade Iguaçu”

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

significativa nos anos iniciais do ensino fundamental, etapa em que se constroem as bases para a autonomia, a responsabilidade e a formação de uma identidade crítica e participativa.

O protagonismo envolve a valorização da escuta dos estudantes, o estímulo à tomada de decisões, a participação em projetos coletivos e o envolvimento em experiências de aprendizagem significativas. Para que isso ocorra, é necessário repensar as práticas pedagógicas adotadas em sala de aula, priorizando metodologias que estimulem a iniciativa, a colaboração e a criatividade dos alunos. Nesse sentido, o papel do professor também se transforma, assumindo uma postura de mediador, incentivador e facilitador do processo educativo, criando um ambiente que favoreça o diálogo, a autonomia e a construção conjunta do conhecimento. Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo analisar, por meio de uma revisão bibliográfica, práticas pedagógicas que favorecem a formação do protagonismo nos alunos dos anos iniciais.

Já os objetivos específicos consistiram em evidenciar o protagonismo nos anos iniciais para construção do conhecimento; analisar como o protagonismo é apresentado na Base Nacional Comum curricular; identificar práticas pedagógicas descritas na literatura que incentivam a autonomia, a participação ativa e o desenvolvimento crítico dos alunos nos primeiros anos escolares. A escolha por essa abordagem metodológica justifica-se pela necessidade de reunir e refletir criticamente sobre as contribuições teóricas e práticas disponíveis na literatura, oferecendo subsídios para a construção de propostas pedagógicas que efetivamente reconheçam e fortaleçam o papel ativo dos alunos na escola.

Os resultados apontam que abordagens pedagógicas centradas no aluno, como metodologias ativas, projetos interdisciplinares e estratégias que promovem o diálogo e a cooperação, são eficazes na construção do protagonismo nos anos iniciais do ensino fundamental. Essas práticas favorecem a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem, permitindo que elas desenvolvam autonomia, senso de responsabilidade e capacidade de tomada de decisão desde os primeiros anos escolares. As metodologias ativas, por exemplo, estimulam a resolução de problemas, a experimentação e o trabalho em equipe, colocando o estudante como sujeito do conhecimento.

2 O PROTAGONISMO NOS ANOS INICIAIS PARA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

De acordo a visão progressista que se baseia na teoria de Jean Piaget, a aquisição do conhecimento como um processo de construção, a escola tem a responsabilidade de criar as

ISSN: 2966-4705 940-955p.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

condições necessárias para que os alunos se tornem os protagonistas desse processo. À medida que constroem o conhecimento, os alunos se desenvolvem, e, portanto, a principal finalidade da educação escolar é promover o pleno desenvolvimento dos estudantes (Assis; Ribeiro, 2019).

É por meio da ação educativa que a criança aprende a língua materna, e a contribuição externa é necessária para a construção das estruturas que compõem sua inteligência. Nesse sentido, elas precisam aprender a pensar, a compreender a realidade física e social em que estão inseridas, a ser capazes de analisar e resolver problemas relacionados a essas realidades e a desenvolver habilidades para interagir e conviver com os outros. A escola desempenha um papel fundamental ao possibilitar que os alunos se tornem indivíduos livres, moral e intelectualmente autônomos, críticos, éticos e aptos a transformar a realidade em que vivem (Assis; Ribeiro, 2019).

Piaget sempre alertou (1973 Apud Assis; Ribeiro, 2019) que, sem a colaboração da educação, a construção da inteligência na criança não ocorre plenamente. Portanto, se desejamos formar indivíduos autônomos tanto do ponto de vista intelectual quanto moral, a contribuição dos educadores é de suma importância. Nesse contexto, a função primordial da escola é facilitar o aprendizado da língua materna pela criança e promover o desenvolvimento de sua inteligência, permitindo que ela construa as estruturas do pensamento lógico.

É fundamental lembrar que, para Piaget, um bebê não nasce com a inteligência já formada; essa inteligência começa a ser construída desde o momento de seu nascimento por meio das interações que estabelece com o ambiente que o cerca. Quando esse ambiente é estimulante e desafiador, a criança, especialmente as mais jovens, é motivada a resolver problemas simples para se adaptar às situações cotidianas. É nesse contexto que a criança se desenvolve em seu próprio ritmo. Piaget ressalta que não é necessário apressar o ritmo de desenvolvimento, e ele próprio faz essa observação:

Não creio mesmo que haja vantagem em acelerar o desenvolvimento da criança além de certos limites. Muita aceleração corre o risco de romper o equilíbrio. O ideal da educação não é aprender ao máximo maximalizar os resultados, mas é antes de tudo aprender a aprender; é aprender a se desenvolver e aprender a continuar a se desenvolver depois da escola. (Piaget, 1973 apud Assis; Ribeiro, 2019, p. 132).

O que se espera é que o ritmo do desenvolvimento seja um ritmo normal, sem atrasos, permitindo que crianças, adolescentes e jovens adultos alcancem o seu potencial máximo durante a fase de vida em que estão. Não se espera mais do que isso. Por exemplo, é essencial

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

que uma criança no estágio pré-operatório de desenvolvimento raciocine de acordo com a sua idade, apresentando linguagem e interesses compatíveis com esse estágio específico da vida. Além disso, é fundamental que ela tenha todas as oportunidades necessárias para progredir no desenvolvimento da inteligência (Assis; Ribeiro, 2019).

Isso é muito importante, especialmente considerando que, de acordo com a lei, os alunos devem ser matriculados no ensino fundamental e, portanto, são agora "obrigadas" a aprender a ler e escrever, conforme é exigido pela escola. Para que as crianças possam atender a essa demanda, o processo de desenvolvimento delas deve ocorrer em conformidade com a sua idade cronológica.

Por outro lado, os fatores exógenos também desempenham um papel crucial nesse processo. Estes fatores, que incluem influências externas como a educação e a transmissão da língua característica de uma comunidade, são essenciais para que a construção da inteligência seja possível. A teoria de Jean Piaget tem como ideia central a interação entre o sujeito e o meio na construção do conhecimento (Assis; Ribeiro, 2019). Sobre essa interação, Piaget explica:

O estabelecimento de relações cognitivas, as quais não consistem em uma simples cópia dos objetos externos ou num mero desdobramento de estruturas pré-formadas no sujeito, mas implicam uma série de estruturas construídas progressivamente através da contínua interação entre o sujeito e o mundo externo (apud Carmichael, 1977 apud Assis; Ribeiro, 2019, p. 133).

Para ilustrar a importância da influência do meio, ou seja, a importância dos fatores exógenos no desenvolvimento humano, Jean Piaget faz uso de uma analogia com o mundo animal. Ele observa que até mesmo os animais dependem da influência materna para o aperfeiçoamento de seus comportamentos instintivos. Se isso se aplica aos animais, torna-se ainda mais verdadeiro no contexto humano. O pleno desenvolvimento de um indivíduo requer a recepção de estímulos adequados do ambiente. Mesmo que uma criança possua todas as potencialidades orgânicas e seja biologicamente perfeita, seu desenvolvimento psicológico estará comprometido se ela não receber a estimulação necessária do ambiente (Assis; Ribeiro, 2019).

Os fatores endógenos e exógenos do desenvolvimento são responsáveis por explicar as variações nos ritmos de desenvolvimento, ou seja, as acelerações e atrasos que podem ser observados nesse processo. A influência do meio é uma ocorrência presente em todas as culturas e evolui dentro de um contexto social específico. A escola pode utilizar o processo de solicitação do meio, que envolve proporcionar à criança oportunidades para enfrentar

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

situações problemáticas que gerem conflitos cognitivos e contradições, desencadeando a necessidade de adaptação e autorregulação para equilibrar-se diante de uma situação desafiadora. Dessa maneira, a inteligência se desenvolverá de forma mais eficaz quando os educadores organizarem uma variedade de situações que instiguem a criança a se adaptar a novos cenários, promovendo, assim, o desenvolvimento de sua inteligência ((Becker, 2017).

Dessa forma, o papel do educador torna-se fundamental, pois é por meio da organização de experiências diversificadas e desafiadoras que os alunos são estimulados a pensar, resolver problemas e construir novos conhecimentos. Ao propor contextos que exigem flexibilidade cognitiva, o educador contribui para que a criança amplie suas habilidades mentais, tornando-se mais apta a lidar com a complexidade do mundo ao seu redor. Assim, a inteligência não é entendida como algo fixo, mas como uma habilidade dinâmica que pode ser potencializada por meio de práticas pedagógicas intencionais e significativas.

2.1.1 As contribuições de Piaget para o protagonismo

Quanto à participação dos pais e professores nesse processo de solicitação do meio, Jean Piaget (1977 Apud Assis; Ribeiro, 2019, p. 134) destaca: "Cada vez que ensinamos prematuramente algo a uma criança que ela poderia ter descoberto por si mesma, estamos privando essa criança da oportunidade de inventar e, conseqüentemente, de compreender plenamente." Isso significa que sempre que ensinamos algo à criança antes que ela tenha a oportunidade de descobrir por conta própria, estamos impedindo-a de explorar sua criatividade e, conseqüentemente, de compreender completamente o conceito.

Diante da necessidade de organizar o trabalho pedagógico de forma a estimular os recursos intelectuais do aluno - sua capacidade de ação e reflexão - é crucial compreender quais recursos estão à disposição do aluno real, ou seja, o sujeito psicológico. Isso garante que o conteúdo programático a ser adquirido esteja alinhado com suas capacidades cognitivas para uma aprendizagem eficaz. Para que o aluno assuma o papel de protagonista na aquisição dos conhecimentos escolares, é fundamental que o professor compreenda como ele raciocina, que conexões pode estabelecer, que soluções pode alcançar diante de desafios, quais são seus interesses e, em última análise, quais são as condições e necessidades que ele apresenta para uma aprendizagem genuína ((Becker, 2017).

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

Considerando-se que ser humano é resultado de um processo de construção, no qual é influenciado, mas não totalmente determinado, tanto pelo seu patrimônio genético quanto pelo ambiente em que vive. A interação constante entre o indivíduo e o meio transforma o organismo biológico em um ser social, o que torna inviável separar o desenvolvimento do sujeito de seu contexto físico e social ao longo de sua trajetória ontogenética (Becker, 2017).

O papel do professor não se limita a ditar ao aluno o que ele deve fazer, dizer ou pensar. Em vez disso, o professor deve criar situações desafiadoras que exijam a interação ativa entre o aluno e o objeto de estudo para serem resolvidas. Em vez de tentar transmitir conhecimento de forma unidirecional por meio de palestras expositivas, o foco deve ser a criação de ambientes de aprendizado interativos e envolventes (Assis; Ribeiro, 2019). Isso ocorre porque:

[...] O conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo nem de objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que a ele se imporiam. O conhecimento resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre os dois, dependendo, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em decorrência de uma indiferenciação completa e não de intercâmbio entre formas distintas (Piaget, 1983 apud Assis; Ribeiro, 2019, p. 139).

Entre os processos cognitivos que estão intrinsecamente relacionados ao ato de adquirir conhecimento e construir compreensão, encontram-se, por exemplo, as contradições. Quando uma criança percebe que suas ideias ou declarações não estão alinhadas com a realidade, isso gera uma perturbação cognitiva, um conflito que desperta seu desejo de resolvê-lo. A estruturação do conhecimento é um processo que abrange diversas etapas, em uma das quais a criança pode realizar algo que só compreenderá mais tarde. A construção do conhecimento ocorre de "ação a operação". No entanto, para que esse processo ocorra de maneira eficaz, o professor deve estar atento e envolvido ((Becker, 2017).

A teoria de Piaget representou um marco na compreensão do desenvolvimento cognitivo infantil, ao evidenciar que a criança constrói ativamente seu próprio conhecimento. Essa concepção trouxe importantes contribuições para a prática pedagógica, ao ressaltar a necessidade de alinhar o ensino às diferentes fases do desenvolvimento cognitivo. Segundo essa abordagem, o processo de aprendizagem não é passivo, mas sim dinâmico e construtivo, exigindo a participação ativa do aluno. Nesse sentido, a prática educativa deve favorecer ambientes que incentivem a exploração, o questionamento e a descoberta, valorizando a experimentação e o protagonismo infantil na construção do saber (Oliveira Lima, 1980).

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

O professor pode, por exemplo, questionar a criança sobre seus pensamentos e intenções ao tentar resolver uma determinada situação, seja em um jogo, uma brincadeira ou qualquer outro contexto. É crucial que a criança desenvolva uma consciência do que fez, pois somente ao se tornar consciente de suas ações ela será capaz de adaptar e modificar seu processo de construção de conhecimento.

Assim sendo, a escola, como uma instituição com a responsabilidade de educar, não deve limitar seu papel apenas ao ensino de habilidades como leitura, escrita e matemática. Sua missão é muito mais abrangente e crucial, pois deve oferecer aos alunos a oportunidade de desenvolver integralmente sua personalidade, abrangendo a construção do conhecimento e valores morais. Além disso, a escola desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos capazes de cooperação, solidariedade e engajamento em processos de transformação social, preparando-os para uma vida em uma sociedade democrática (Ribeiro; Mantovani De Assis, 2018).

Jean Piaget propõe uma nova forma de compreender o desenvolvimento cognitivo humano, ao defender que o conhecimento é resultado da construção ativa do indivíduo em constante interação com o ambiente. Essa visão construtivista se opõe às teorias behavioristas dominantes em sua época, as quais entendiam a aprendizagem principalmente como uma resposta a estímulos externos e condicionamentos. Piaget (1970) destaca, portanto, que o processo de aprender envolve a atuação do sujeito sobre o mundo, reorganizando suas estruturas cognitivas a partir das experiências vividas.

2.2 O PROTAGONISMO EVIDENCIADO NA BNCC

Como já sendo mencionado nesta dissertação, a BNCC chegou com muita força para reforçar a concepção da LDB/96, a qual dá um caráter de aprendizagem a Educação Infantil. A BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver, ao longo das etapas da Educação Básica. Esse documento é pautado na equidade, pois não basta oferecer a oportunidade é preciso garantir a equidade e é isso tem o objetivo de assegurar a todos os mesmos direitos de aprendizagem, em conformidade com o PNE (Brasil 2018).

Isso significa que a elaboração dos currículos nacionais deve ser norteada pela BNCC, a fim de garantir a todos os estudantes uma formação integral que os prepare para enfrentar os

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

desafios da vida, construindo uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva e, sobretudo, dando um destaque bastante forte ao protagonismo, de certa forma, retomando o construtivismo, o qual na concepção de Vygotsky focava na aprendizagem como uma atividade social mais eficaz quando há colaboração e intercâmbio. Já na visão de Wallon a afetividade e a emoção são uma maneira de provocar uma reação no outro. Por sua vez, Piaget estudou as estruturas mentais usadas para relacionar, comparar, classificar e deduzir informações (Brasil 2018).

Torna-se imprescindível elucidarmos, nesse estudo, que é a partir da convivência com outro que é possível compreender o processo que envolve assimilação e acomodação. Assimilar significa lidar com o objeto e interpretá-lo. E, para dar conta da tarefa, é preciso reorganizar as estruturas mentais para compreendê-la e chegar a um novo patamar e para tudo isso é preciso dá a oportunidade para que as os alunos elaborem hipótese e pensem por si somente tendo a mediação do professor, no entanto, as percepções dos estudantes devem ser levadas em consideração em detrimento de conteúdos prontos repassados pelos professores (Camilo; Scachetti; Vasconcellos, 2015).

Sabe-se que muitas escolas brasileiras ainda priorizam muito o ensino conteudista, ou seja, aquele baseado principalmente na transmissão de conteúdos para os estudantes, sem levar em consideração o que os alunos podem descobrir por elas mesmas, essa perspectiva do repasse de conteúdo diminui a possibilidade de os estudantes serem protagonistas de seu próprio aprendizado, esse método do conteúdo pronto já está, há muito tempo, ultrapassado. É preciso levar em consideração que a sociedade está e sempre esteve em pleno desenvolvimento e, dessa forma, o processo de ensino aprendizagem não deve ficar estagnado. É importante destacar que os alunos de hoje são muito espertos e não aceitam mais determinadas imposições postas pela escola e, conseqüentemente, pela Educação (Camilo; Scachetti; Vasconcellos, 2015).

Tudo isso é muito bem direcionado pela BNCC, a qual se divide em competências e habilidades que o aluno deve desenvolver ao longo de toda a Educação Básica. Estas competências gerais são dez e objetivam garantir, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento do estudante (Brasil, 2018, p. 11-12). Tais competências se encontra no quadro a seguir.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

Quadro 1: Competências da BNCC

Conhecimento	Está voltada para a valorização e utilização dos conhecimentos sobre o mundo físico, social, cultural e digital no sentido de entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar com a sociedade.
Pensamento científico, crítico e criativo	Essa competência se volta para o exercício da curiosidade intelectual e utilizar as ciências com criticidade e criatividade, tem como finalidade investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções.
Repertório Cultural	Pauta-se por valorizar as diversas manifestações artísticas e culturais no que concerne ao aproveitamento e a participação em práticas diversificadas de produção artístico-cultural.
Comunicação	Competência que utiliza diferentes linguagens para se expressar e interagir em diversos contextos, objetiva a expressão e a partilha de informações, experiências, ideias, sentimentos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
Cultura Digital	Essa competência objetiva que os estudantes compreendam, utilizem e criem tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética, a fim de que possam se comunicar, acessar e produzir informações e conhecimentos, assim como resolver problemas, exercendo protagonismo.
Trabalho e projeto de vida	Esta tem um olhar para a valorização e apropriação de conhecimentos e experiências no sentido de que as estudantes entendam o mundo do trabalho, podendo fazer escolhas de acordo com seu projeto de vida, com cidadania, liberdade, autonomia e responsabilidade.
Argumentação	Essa competência centra sua atenção para a importância de argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para a apropriação dela é preciso que o estudante formule, negocie e defenda ideias, com base em direitos humanos, consciência ambiental e ética.
Autoconhecimento e autocuidado	A finalidade é fazer com que o estudante se conheça, compreenda e respeite a si mesmo a partir da diversidade humana, levando em consideração o cuidado com a saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
Empatia e cooperação	Essa competência foca no exercício da empatia, do diálogo, da resolução de conflitos e a cooperação, com vistas a respeitar e promover o respeito ao outro, de acordo com os direitos humanos, com acolhimento e valorização das diversidades, sem preconceitos de qualquer natureza
Responsabilidade e cidadania	É última competência da BNCC, tem como objetivo preparar o estudante para agir individualmente e de forma coletiva com autonomia, responsabilidade, flexibilidade e determinação, além de focar na tomada decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Fonte: pesquisa 2025. Organizado pelas autoras com base na (BNCC, 2018).

A partir das reflexões apresentadas acima, ressaltamos que as escolas são o espaço, no qual, os alunos se desenvolvem diariamente, aprendendo sobre si mesmas e ao se relacionar com o próximo. Os alunos aprendem, desde seus primeiros anos, muito mais do que os conteúdos disciplinares. Os professores e os métodos pedagógicos têm papel importante na

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

transformação dos alunos em cidadãos éticos, críticos e reflexivos. Para orientar esse trabalho tão essencial para a sociedade, foi desenvolvida a BNCC (Brasil 2018).

A famosa BNCC define competências que os alunos devem desenvolver em cada fase da educação. Em vigor desde 2018, a Base propõe que as crianças e adolescentes sejam protagonistas de seus próprios aprendizados, tendo cada vez mais voz e participação nos processos de aprendizagem. A BNCC defende a aplicação dos conhecimentos na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante, tanto em sua aprendizagem como na construção de seu projeto de vida. Curiosamente, a palavra protagonismo aparece mais de 60 vezes no documento completo da Base.

O protagonismo pode ser entendido como a capacidade de enxergar-se como agente principal da própria vida, responsabilizando-se por suas atitudes, distinguindo as suas ações das dos outros, e expressando iniciativa e autoconfiança. O aluno protagonista acredita que pode aprender e encontra as melhores formas de fazer isso, não apenas individualmente, mas atuando de forma colaborativa e participativa no contexto escolar (Onofre, 2019). A BNCC inclui propostas de incentivo ao protagonismo dos alunos da Educação Infantil aos anos finais do Fundamental II.

Nessa fase deve-se garantir que os alunos exercitem seu protagonismo tanto na criação como realização das atividades cotidianas em sala de aula, na escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo linguagens e elaborando conhecimentos (Brasil, 2018). É importante incentivar cada aluno a tentar soluções, perguntar e interagir, em um processo que muito mais ligado às possibilidades abertas pelas interações infantis do que a um roteiro de ensino preparado apenas pelo professor ou professora.

No que se refere ao Ensino Fundamental, nos anos iniciais, o trabalho deve ser continuado a partir das experiências nos anos finais, com a valorização das situações lúdicas de aprendizagem. Já nos anos finais o foco será a ampliação dos conhecimentos, com desafios de maior complexidade, dando outro significado para as aprendizagens dos anos anteriores. A intenção é que a escola proporcione um ambiente, projetos e práticas pedagógicas favoráveis para que a criança e o adolescente desenvolvam cada vez mais sua autonomia. Essa autonomia vale tanto para a administração dos seus próprios estudos, quanto para a sua atuação em sociedade e para a construção do seu projeto de vida.

Sabemos a importância da leitura desde a primeira infância. Agora a BNCC amplia este olhar, no momento que propõe que o aluno seja sujeito da sua própria história,

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

construindo com sua identidade pessoal e coletiva através do brincar, da imaginação, da fantasia, da vivência, da experimentação e elaboração. Sendo assim, as creches e escolas devem levar em consideração todas essas competências que são muito importantes para o desenvolvimento holísticos das crianças (Brasil 2018). .

É importante destacar que para esse desenvolvimento protagonismo, os alunos devem se apropriar do conhecimento por meio interações com as outras crianças e os familiares, ampliando a aprendizagem, o desenvolvimento e a socialização. O professor, como facilitador deste processo entre família e escola, tem o papel de refletir, selecionar e organizar um conjunto de práticas e interações que sejam significativas para os estudantes. Dessa forma, valorizando ferramentas que proporcionem o desenvolvimento do papel ativo no aprendizado leva o aluno a construir significados sobre si, os outros e o mundo social.

3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FOCADAS NO PROTAGONISMO

Práticas pedagógicas consistem em um conjunto de atividades cuidadosamente planejadas para facilitar e promover a aprendizagem dos alunos. Essas práticas devem levar em consideração diversos fatores que influenciam, de forma direta ou indireta, o processo de aprendizado. Entre esses fatores estão o contexto sociocultural, a fase de escolarização dos alunos, suas necessidades individuais e outros aspectos relevantes (Padilha, 2017).

O entendimento de Garcia (2020, p. 27) corrobora o que foi mencionado acima, pois afirma que uma prática pedagógica “evidencia sair do âmbito da teoria e adentrar no âmbito da ação” e tem o intuito de agregar esforços para que haja formação de pessoas e construção do saber. No entanto, é importante destacar que essa concepção está em constante evolução, à medida que novos avanços e compreensões são alcançados no campo da educação.

Ainda no campo das práticas pedagógicas, Freire (1997, p.16) nos diz que “Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”. Freire destaca a visão revolucionária do educador sobre o papel do ensino e da prática pedagógica, esse entendimento de que ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação é muito atual, sobretudo, porque as práticas tradicionais, na maioria das vezes, não atende mais as demandas da escola de hoje.

Já no que concerne ao conceito de protagonismo, o qual se torna um princípio fundamental nas práticas educativas, é descrito por Horn (2004, p. 33) como uma abordagem

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

pedagógica que busca descentralizar o papel do adulto nas atividades cotidianas, proporcionando maior autonomia às crianças. Rinaldi (2012, p. 152) argumenta que essa abordagem permite que as crianças associem e desassociem realidades possíveis, desenvolvam metáforas e paradoxos criativos, e construam seus próprios símbolos e códigos, ao mesmo tempo em que aprendem a decifrar os símbolos e códigos convencionais.

O protagonismo pode ser entendido como uma concepção da infância que reconhece a criança como um ser com potencial, capaz de criar e interagir com o mundo ao seu redor. Essa abordagem considera a criança e o adolescente detentores de seus próprios direitos e valores, permitindo que ela participe de seu próprio processo de ensino e aprendizagem com autonomia (Steffens; Miorando, 2018).

Reconhecer alunos como protagonista na sala de aula significa permitir que ela se torne uma participante ativa, respeitando suas limitações e formas de expressão, que se manifestam por meio de diversas linguagens simbólicas. Isso implica em dar voz e oportunidade à criança. Como Malaguzzi (1999, p. 5) enfatizou, a criança:

[...] tem cem linguagens em mãos, cem pensamentos, cem maneiras de pensar de brincar e de falar. cem, sempre cem maneiras de ouvir, de surpreender, de amar. cem alegrias para cantar e perceber. Cem mundos para descobrir. cem mundos para inventar. cem mundos para sonhar. a criança tem cem linguagens (e mais cem, cem, cem).

A citação acima destaca o potencial dos alunos em seu ambiente escolar e em sua interação social. A criança utiliza suas "Cem Linguagens" para expressar seus desejos e sentimentos em relação ao espaço e às pessoas ao seu redor. Para que a criança possa se expressar plenamente, é fundamental que ela se sinta livre e inspirada. Portanto, é responsabilidade do adulto criar um ambiente propício para que a criança possa interagir e comunicar-se por meio de suas inúmeras formas de expressão (Steffens; Miorando, 2018).

3.1 APRENDIZAGEM COMO UM PROCESSO EXTENSO

A aprendizagem é um processo extenso, no qual a criança passa por fases de experimentação, expressão e criatividade (Rinaldi, 2012). Os professores desempenham o papel de "fios" em uma teia, sendo capazes de construir e fortalecer as conexões na rede de relacionamentos entre eles e as crianças. É crucial que os educadores reconheçam o potencial e a capacidade das crianças, criando um ambiente de confiança que as encoraje a se expressar

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

e manifestar seus desejos e interesses. Isso envolve a promoção de atividades e brincadeiras que despertem a curiosidade das crianças em relação a uma variedade de temas e necessidades que surgem em seu cotidiano.

Um dos recursos empregados para identificar os interesses ou desafios manifestados pelas crianças é a prática da escuta, que, de acordo com Rinaldi (2012, p. 124), pode ser compreendida como uma "metáfora da disponibilidade, da sensibilidade para ouvir e ser ouvido; escutar não apenas com o sentido da audição, mas utilizando todos os sentidos: visão, tato, olfato, paladar, orientação". Essa forma de escuta desempenha um papel fundamental na Educação Infantil, uma vez que as crianças nem sempre expressam verbalmente seus interesses e necessidades, mas os comunicam por meio de expressões faciais, gestos, sons ou até mesmo através do silêncio.

Interpretar os interesses e necessidades das crianças é uma tarefa desafiadora que requer do professor um alto nível de atenção e envolvimento, a fim de compreender as possíveis pistas fornecidas pelas crianças. A escuta se torna uma ferramenta eficaz quando o professor a utiliza como estratégia pedagógica para conectar as hipóteses apresentadas pelas crianças com as estratégias educacionais que ambos constroem em conjunto. A "escuta pode ser um meio de compreender o contexto, sem fazer julgamentos sobre os interesses manifestados pelas crianças" (Schneider, 2015, p. 71).

A escuta assume um papel central na escola em análise, conforme delineado no Projeto Político Pedagógico da instituição. Os educadores consideram essa abordagem como uma das estratégias eficazes para a educação das crianças, pois ajuda a identificar de forma mais precisa as necessidades e interesses do grupo, em resposta aos temas e questões levantados pelas próprias crianças.

O ambiente escolar pode ser entendido como um espaço físico que cria vínculos afetivos e relações interpessoais, através da interação entre o professor e a criança. Esse processo evoca sensações e memórias, transmitindo uma sensação de segurança por meio de odores, formas, cores e sons que caracterizam a instituição (Horn, 2004). O objetivo da escola é se tornar um ambiente de aprendizado estimulante, graças à sua acolhida e organização.

No entanto, para promover o protagonismo infantil, não basta ter apenas um espaço para brincar (Schneider, 2015); todos os espaços se tornam potenciais para a ludicidade da criança. A participação do professor, que se mostra disponível para estabelecer conexões e respeitar o pensamento de uma inteligência infantil, desempenha um papel muito

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

significativo. A prática docente e a história da turma são moldadas pelas conexões diárias que se formam por meio dos encontros positivos que ocorrem regularmente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise realizada, é possível afirmar que o protagonismo estudantil nos anos iniciais do ensino fundamental constitui um elemento essencial para o desenvolvimento integral dos alunos. Ao se reconhecer a criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem, promove-se não apenas a aquisição de conhecimentos, mas também o fortalecimento da autonomia, do pensamento crítico e da responsabilidade. Esse protagonismo, no entanto, não emerge de forma espontânea; ele precisa ser intencionalmente cultivado por meio de práticas pedagógicas que estimulem a escuta, a participação e o envolvimento significativo dos estudantes em sua trajetória escolar.

As evidências levantadas na revisão bibliográfica indicam que metodologias centradas no aluno, como projetos interdisciplinares, atividades colaborativas e o uso de metodologias ativas, contribuem de forma significativa para a formação do protagonismo infantil. Tais abordagens criam oportunidades para que os alunos expressem suas ideias, façam escolhas, tomem decisões e construam conhecimento de forma compartilhada. Além disso, essas práticas favorecem o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia, cooperação e responsabilidade, que são fundamentais para a formação cidadã.

Dessa forma, conclui-se que o fortalecimento do protagonismo estudantil nos anos iniciais exige uma mudança de paradigma na prática docente. Mais do que uma simples adoção de novas metodologias, trata-se de transformar a relação entre professor e aluno, fundamentando-a no respeito mútuo, na escuta ativa e na valorização das experiências e saberes das crianças. É nesse contexto que se torna possível construir uma educação mais democrática, inclusiva e significativa, capaz de formar sujeitos autônomos, críticos e participativos desde os primeiros anos da escolarização.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

REFERÊNCIAS

ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de; RIBEIRO, Carolina Pasquini. Construção do conhecimento. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 11, p. 127-159, 2019.

BECKER, Fernando. Jean Piaget, um sábio. *Clareira-Revista de Filosofia da Região Amazônica*, v. 7, n. 1, p. 22-43, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/clareira/article/download/5895/3678>. Acesso em: 30 abr. 2025

BRASIL, Ministério da Educação. **BNCC: Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 11 abr. 2025.

CAMILO, Camila; SCACHETTI, Ana Ligia; VASCONCELLOS, Alice. O Construtivismo está nos detalhes. **Revista Nova Escola**. Edição 284, 14 de Agosto de 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/8433/o-construtivismo-esta-nos-detalhes>. Acesso em: 23 abr. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Cortez, 1997.

GARCIA, Marilene S. dos S. **Aprendizagem significativa e colaborativa**. Curitiba: Contentus, 2020.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons e aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA LIMA, Lauro. *Piaget para principiantes*. 5ª ed. São Paulo: Summus, 1980

ONOFRE, Cláudia. O que a BNCC diz sobre o protagonismo dos alunos? **Blog Dentro da História**, Publicado em 10 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.dentrodahistoria.com.br/blog/educacao/escola/bncc-e-protagonismo-dos-alunos/#:~:text=O%20protagonismo%20dos%20alunos%20segundo,de%20seu%20projeto%20de%20vida>. Acesso em: 29 de abr. 2025.

PADILHA, Anna M. L. **Práticas pedagógicas na educação especial: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental**. Campinas: Autores Associados, 2017.

PIAGET, Jean. *A construção do real na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970^a

RIBEIRO, Carolina Pasquini; MANTOVANI DE ASSIS, Orly Zucatto. A formação de educadores de crianças de 0 a 2 anos: em busca de uma prática consciente. In **Formação de professores: anais do V Colóquio Internacional de Epistemologia e Psicologia Genéticas: Educação democrática e novas alternativas**, UNESP, Marília, Nº 28344 Nov. 2018.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. Tradução de V. Cury. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SCHNEIDER, Mariângela Costa. **O protagonismo infantil e as estratégias de ensino que o favorecem em uma turma de educação infantil**. 2015. 147 p. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2015.